

CIDADES: DIFERENTES TRAJETÓRIAS DE PESQUISA

Entrevista:
PROFA. DRA. DORALICE SÁTYRO MAIA*
Universidade Federal da Paraíba

Entrevistadores:
Paulo Fernando Jurado da Silva**
Eliseu Savério Spósito***

Entrevistadores: Primeiramente, agradecemos pelo fato de ter aceitado ser entrevistada pela revista Geografia em Atos e afirmar que é um prazer tê-la, hoje, em Presidente Prudente conosco. Na realidade, é uma satisfação, uma vez que além da senhora trabalhar no Nordeste (importante região histórica do país e que ajudou no processo de ocupação das demais) é também uma autora relevante no contexto da geografia urbana brasileira. Nesse sentido, para iniciarmos nossa conversa conduza, portanto, um retrato “falado” de sua formação profissional e de sua história de vida.

Doralice: Eu também gostaria de agradecer por terem me feito este convite. Realmente é um prazer conceder esta entrevista à revista Geografia em Atos.

Nasci no Nordeste e entendo como uma importante contribuição em minha formação profissional viver e morar lá... Nasci na cidade de Patos (um subcentro regional da Paraíba) e vivi parte da minha caminhada na cidade pequena de Catolé do Rocha.

A vinda para João Pessoa (ainda na infância) possibilitou-me ter acesso a um outro conhecimento de mundo e a redimensionar meu contato com centros de porte diferenciado e inclusive ter favorecido a minha entrada na Geografia.

Formei-me em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba, mas antes de entrar na Geografia fiz dois anos de Engenharia Civil na mesma instituição. Pelo fato de não me identificar com o curso, muito embora minha família fosse tradicional, acabei optando pela Geografia em razão de seu tratamento conceitual da sociedade e natureza ser bastante rico. Enfrentei muito preconceito por essa decisão, mas foi muito válido para o meu amadurecimento pessoal e para os meus planos de vida.

O curso, embora, não fosse tão bom, as leituras que efetuei fora e dentro de classe me possibilitaram entender grande parte do pensamento geográfico e da literatura científica da época.

Estagiei, ainda, em órgão estadual de planejamento, sendo uma das belas experiências que tive em minha graduação. Minha monografia foi baseada no estudo de uma das cidades pequenas que vivi, ou seja, Catolé do Rocha. Detectei que nesta cidade, apesar de haver a contribuição da pecuária na economia, era muito expressivo o avanço do terciário e do comércio, ligado ao circuito inferior da economia, na expressão de Milton Santos.

Encerrada a graduação e tendo conhecimento acerca das oportunidades no Amazonas, resolvi ir morar em Manaus. Trabalhei como professora em diversos colégios, na UFAM (Universidade Federal da Amazônia) e, por último, na FUNAI, sendo muito válido para minha concepção humana e também geográfica sobre as condições de vida dos povos indígenas.

Por volta de 1987, fiquei sabendo (por intermédio de meu pai) de um concurso na cidade de Cajazeiras - PB (ligada a UFPB na época). O salário de geógrafo na FUNAI era muito baixo e não me permitia continuar naquela instituição e em uma cidade onde o custo de vida era muito caro. Enfim, participei do concurso e fui aprovada em Cajazeiras.

No final do ano de 1990, fui aprovada no processo de seleção da Universidade Federal de Santa Catarina para iniciar meu mestrado. Minha dissertação de mestrado baseou-se na compreensão das relações entre urbano e rural. Morando entre Cajazeiras e João Pessoa defini que estudaria esta última cidade em razão de que a urbanização era muito mais evidente e me permitiria avaliar um campo de variáveis mais amplamente.

Nesse trabalho, a pesquisa voltou-se para identificar onde se davam as atividades agrícolas nas cidades. Perguntava-me onde estariam as vacarias, os estábulos, etc. dos animais que encontrava nas ruas e canteiros da cidade, apesar do IBGE considerar a capital totalmente urbana. Pelo fato desta cidade ser entrecortada por rios (Jaguaribe, Laranjeiras, São José, Timbó etc.) descobri que as unidades pecuárias

* Entrevista concedida em vinte oito de outubro de 2008.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP de Presidente Prudente, bolsista do CNPq-Brasil e membro do corpo editorial da revista Geografia em Atos.

*** Professor Titular do Departamento de Geografia e editor responsável da Revista Geografia em Atos.

encontravam-se junto aos rios, com o cultivo de capim, sendo vacarias em grande parte. Este trabalho resultou na dissertação de mestrado orientada pela professora Lenyra Rique da Silva na Universidade de Santa Catarina.

Enfoquei este trabalho pela relação campo-cidade por meio da abordagem econômica. Como ainda não tinha respondido a todas as perguntas que me angustiavam neste trabalho, apresentei minha proposta de continuidade à professora Odete Seabra da Universidade de São Paulo para me orientar no doutorado na USP.

Apesar de ser a mesma temática (campo/cidade) conduzi a pesquisa pelo viés cultural, no que se refere às permanências dos costumes rurais na cidade.

Muitas pessoas desta área de pesquisa são originárias do sertão e tinham o desejo de continuar com estas atividades, mesmo habitando nas cidades. Trabalhei com o percebido, concebido, vivido com base nos pressupostos do Lefèbvre, resgatando a categoria “modo de vida” da Geografia tradicional francesa, mas com uma releitura particular do tema.

Evidenciei a manutenção de determinadas tradições nas cidades que eram típicas do campo. A tese procurou discutir vacarias, vaquejadas e feiras de gado.

As vacarias são os locais onde estão as vacas voltadas predominantemente à produção de leite e a sua distribuição é realizada por carroças, bicicletas e mini-caminhonetes na cidade. As carroças possuíam vantagens nesse cenário, pois permitia a aproximação entre o consumidor e o produtor.

Muitas atividades que eram desenvolvidas no sertão foram levadas para as cidades com adaptações sofridas quando efetuada nestas. Existem vizinhos que gostam de acordar com o cheiro do gado, já há outros que não gostam e tendem a solicitar aos organismos públicos a retirada dos locais de produção pecuária na cidade.

A especulação imobiliária também modificou grande parte desta dinâmica, pois acabou expulsando parte desses produtores e tem provocado o aumento do preço da terra. Há uma pressão dos incorporadores para que eles vendam as áreas, e edifícios cada vez mais altos são instalados. Este tipo de atividade tem resistido até a segunda geração e possivelmente não chegue à terceira geração, uma vez que estas pessoas têm procurado outras alternativas de renda como motoristas de táxi, etc.

A casa do sertão paraibano é muito similar às residências encontradas nas vacarias de João Pessoa, contendo alpendre, cozinha, sala e quartos. A sala, por exemplo, é toda cheia de arreios, vasilhames, sela e atrás da casa tem o curral, sendo que sua delimitação é muito rudimentar. Utilizam os vasilhames e banquinhos similares aqueles encontrados no sertão. O leite é vendido por litro, sendo retirado na hora e vendido nos domicílios. A venda nos edifícios é mais difícil, nas casas a relação é mais direta.

As vaquejadas ocorrem de duas formas: uma mais espetacular que acontece nos parques de vaquejadas e a outra como festa, realizada em áreas mais periféricas na cidade.

O parque de vaquejada é um empreendimento privado construído por um médio ou grande proprietário de terras, onde ocorre uma enorme competição entre vaqueiros com o objetivo final da derrubada do boi, sendo uma prática que ocorria no dia-a-dia do vaqueiro nordestino e eles faziam isso na caatinga, derrubando o animal pela cauda. Posteriormente, é levada para as cidades como uma atividade esportiva, delimitada por várias regras, mas sempre em dupla (um que faz a esteira e outro que derruba).

Interessante que há torcedores para o boi e outros que torcem pelo vaqueiro. Hoje os prêmios são carros, motos, diferentemente do passado que era no máximo oferecido um chapéu ou boné. O vaqueiro, assim como o jogador de futebol tem seus passes. Cada parque de vaquejada tem seus vaqueiros e os mesmos estão inseridos em circuitos maiores de competição. Quanto mais disputam mais capturam recursos. Na análise da vaquejada faço a leitura da passagem da festa para o espetáculo.

Dentro da cidade, principalmente nas áreas periféricas há parques de vaquejadas não oficiais. Geralmente, há três, quatro pessoas andando a cavalo e montam uma estrutura mínima em terrenos baldios para “brincar”; associando ao lúdico, à festa.

As feiras de gado se dão aos domingos e ocorrem no parque de exposições do governo estadual, se utilizando de parte da infra-estrutura, como o estábulo, etc. A exposição agropecuária realiza-se anualmente, contudo não se trata de uma grande exposição como no interior de São Paulo. Na ocasião da exposição anual, a feira não pode se realizar no interior do parque, entretanto ela não deixa de acontecer, dando-se do lado de fora do parque, na rua.

Pequenos produtores que possuem vaca, carneiro, porco negociam também, mas há atravessadores que vêm de Campina Grande, Guarabira (cidades do interior da Paraíba). É um campo muito masculino, às vezes as pessoas, majoritariamente os homens vão para conversar e nem tanto para comercializar.

As conversas ocorrem em rodas e raramente se vêem mulheres nestes círculos. A feira acontece principalmente na parte da manhã do domingo. Há, portanto, a permanência de costumes do campo na cidade. Finalizado o doutorado, diferentemente da época do mestrado senti que a pesquisa estava concluída, entretanto, sempre há atualizações, sendo que muito esporadicamente tenho mexido neste tema. Hoje meu tema de pesquisa é outro.

Cada vez mais, fui procurando saber como se dá a geografia histórica da cidade, por meio de seu processo de urbanização e sua história. Eu comecei a sentir a necessidade de buscar saber um pouco mais

do processo de formação da cidade, por meio de sua morfologia histórica e cotidiano. Não era mais o campo na cidade, mas a leitura da morfologia na cidade, não de uma forma descritiva, mas analítica por meio da construção histórica da geografia da cidade.

Consegui ser bolsista produtividade do CNPq e venho trabalhando nesta área. Passei a resgatar os documentos sobre a cidade e precisei eleger um período histórico para a compreensão destas indagações.

Elegi, portanto, o período imperial. O enfoque era a rua e aos poucos fui ampliando o recorte. Comecei com as ruas que eram fundamentais para a estruturação da cidade até chegar em outras. Nesse recorte, algumas das formas foram modificadas e a cada ano fui estudando algumas ruas.

A partir da contextualização espaço-temporal, por meio da base teórica de Lefèbvre, tenho avançado sobre o tema, inclusive ingressando na temática da morfologia urbana, começando a discussão pela abertura das ruas até chegar ao uso do solo recente. Estudei cerca de dez ruas...Para esta pesquisa, autores como Mauricio de Abreu e Pedro de Vasconcelos têm sido fundamentais.

Concomitantemente, havia uma inquietação minha e de alguns pesquisadores de quando eu falava na cidade de João Pessoa, acabava utilizando tão somente autores que estudavam metrópoles. A pergunta inquietou Maria Encarnação Beltrão Sposito e Beatriz Soares e esta provocação levou-nos a construir a rede de pesquisadores de cidades médias. O meu objeto de pesquisa inicial, a cidade de João Pessoa, sendo que apesar de ser uma capital não é uma metrópole. A partir daí, começou meu maior interesse pela concepção das cidades médias.

Em 2006, decido fazer pós-doutorado e como estava na perspectiva da geografia histórica da cidade, encaminhei meu pós-doutorado sob a supervisão de Horácio Capel, na Universidade de Barcelona nesta área.

Como tema, elegi algo que era objeto da minha preocupação a partir da legislação nacional e espanhola do século XIX, no que se refere ao estudo da cidade. Consegui analisar os documentos até 1850, visto que o volume de documentos era muito grandioso. No Brasil, comecei o estudo a partir de 1808 com a chegada da família real portuguesa.

A legislação brasileira é redigida a partir das legislações da França, Inglaterra como pude constatar na minha pesquisa. Isso particularmente no que diz respeito à administração da cidade. Esta pesquisa não está acabada, sinto que vai sendo construída aos poucos. Entretanto, fechei meu pós-doutorado, mas tenho muito material para ser analisado.

Sobre as cidades médias, no momento meu desafio é entender Campina Grande. Para mim, está sendo uma nova experiência que requer bastante trabalho e que acho que juntamente com os alunos da graduação e do mestrado, estamos dando conta.

Entrevistadores: Nós agradecemos por ter respondido à questão com bastante detalhe. Inclusive sua reflexão acabou por responder a outros questionamentos que iríamos encaminhar. Pudemos depreender, portanto, não somente sua formação, mas sua história de vida e as bases teóricas mais utilizadas ao longo de sua caminhada.

Desse modo, continuando com este raciocínio gostaríamos que você esclarecesse melhor a sua vinculação com a Universidade Federal da Paraíba, bem como as suas condições de trabalho.

Doralice: Ingressei na UFPB em João Pessoa pelo concurso da área de metodologia. Isso me possibilitou vir para João Pessoa. Como era oriunda do campus de Cajazeiras, a minha vaga foi cedida para esta última e fui “transferida” por solicitação da reitoria.

Lecionava na área de metodologia e pesquisa em Geografia. Aos poucos, fui crescendo academicamente e me firmando na área de Geografia Urbana, passando a ministrar a disciplina Geografia Urbana. Atualmente, o Departamento passa por um processo de renovação com muitas contratações.

Há bastantes conflitos ideológicos, de postura acadêmica, etc. Por outro lado, acho que nós avançamos em muitas outras áreas. Quando terminei meu doutorado apresentei meu currículo a outros programas de pós-graduação já que ainda não existia o mestrado em geografia na UFPB. Consegui credenciar-me em um programa interdisciplinar, o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA. Contudo, setíamos a necessidade de criarmos o programa de pós-graduação em Geografia. Atualmente, nosso mestrado está com quatro anos. Assumi a primeira gestão da coordenação e tive uma experiência boa...

Estamos iniciando, tendo formado duas turmas. Participo de um grupo de pesquisa na instituição – Ciência, Educação e Sociedade – através do qual consigo dialogar com áreas afins na perspectiva histórica. Recentemente estamos criando no PPGG a linha de pesquisa de Educação e Ensino de Geografia em função da demanda e também do ingresso de novos professores que se dedicam a esta área.

O programa é formado por um grupo de dez professores permanentes e três colaboradores. Todavia, acredito que ele vá crescer e estamos caminhando para que o programa se consolide.

A infra-estrutura da universidade ainda é muito precária. Nossa estrutura física é da década de 1960. Na época do Fernando Henrique tivemos pouquíssimo investimento. Hoje, há melhoras significativas que possibilitam que possamos recuperar parte da estrutura física e ampliar alguns setores, bem como temos recebido recursos para a pesquisa na área das ciências humanas a partir de vários editais. Percebo

uma significativa melhora nas condições de trabalho. Contudo, há uma série de críticas que têm sido feitas à política universitária, a exemplo do projeto REUNI.

Sempre explico a minha visão para os alunos de que a Geografia é uma ciência humana, apesar do Departamento no qual estou lotada se denominar Geociências e estar vinculado ao Centro de Ciências Exatas e da Natureza, desde a época da ditadura militar. Sinto falta de maior diálogo acadêmico nas reuniões de Departamento, isto realmente pouco existe.

Entrevistadores: Mediante este quadro destacado da universidade, esperamos agora que você faça algumas considerações acerca do processo de avaliação da Capes em relação ao seu programa de mestrado e a outras variáveis conectadas a este assunto, das quais você queira dar maior ênfase como a dinâmica de orientações, etc.

Doralice: A avaliação da Capes do nosso programa revelou que há um excesso de trabalho dos docentes na graduação, consumindo bastante tempo dos docentes. E isto é verdade, tenho ministrado a disciplina Geografia Urbana, cuja carga horária é de 120 horas. No ano de 2008 me credenciei no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura por convite de alguns professores. No momento, não tenho orientandos na Arquitetura pois somente houve uma seleção com poucos ingressos, mas tenho na Geografia..

Nós faremos a nossa seleção no dia vinte quatro de novembro, para esta abri três vagas. Oriento monografias de graduação, não somente aquelas oriundas das pesquisas de iniciação científica tipo CNPq, mas outras também.

Costumo ouvir que sou muito exigente, acho que realmente devemos lutar para um curso de melhor qualidade. Tenho orientado trabalhos de Geografia Urbana que não estão dentro de minha temática de pesquisa, porém tenho que dar assistência devido a grande demanda. Há alunos também sob minha responsabilidade na monitoria e realizo seminários constantemente com meus orientandos.

As nossas reuniões semanais com orientandos de graduação e pós-graduação são voltadas para a formação teórica e metodológica.. Além das discussões dos textos há sempre um momento em que cada participante pode expor o seu plano de trabalho individual, relatar as dificuldades encontradas, etc. Isso me leva a pensar a construir um grupo de pesquisa juntamente com outros professores e estudantes..

O pessoal da arquitetura tem outra visão. Mas, me possibilita compreender outras leituras do espaço urbano e da realidade urbana. Tenho ex-alunos que atuam em diversas faculdades e que também participam da pesquisa de maneira eventual.

Retomando o tema da avaliação da CAPES achei que ela foi bastante justa. Permanecemos nível 3, mas eu considero ainda a avaliação muito quantitativa. O que mais me preocupa é que os dados passam por uma espécie de "liquidificador" e a partir deste procedimento se chega ao resultado. As realidades são muito diferentes e deveríamos caminhar para uma avaliação mais qualitativa.

Algo que acho bastante injusto é o número de bolsas. Os programas com maiores notas recebem mais bolsas e aqueles com notas mais baixas menos bolsas, menos recursos, etc. . Isso gera uma série de dificuldades, inclusive o fato de não podermos cobrar maior dedicação dos alunos para publicar em razão de terem que trabalhar enquanto realizam o mestrado. Outro ponto que gostaria de acrescentar é a realização do relatório da CAPES que é bastante complicado, pois requer informações detalhadas que muitas vezes dependem dos professores e dos alunos. Além disso essa tarefa recai sobretudo sobre o coordenador. Temos apenas uma secretária conosco e os relatórios talvez não saiam muito discriminados em razão até mesmo da atualização curricular dos professores.

Entrevistadores: Para encerrar nosso diálogo, argumente, por favor, sobre os seus planos acadêmicos para o futuro em termos de pesquisa e realização profissional.

Doralice: No que se refere à pesquisa sobre Cidades Médias, considero que estamos começando e acho que agora temos muitos elementos para a análise. Atualmente, o tema cidades médias tem ganhado maior relevância na Geografia Urbana e também na minha vida profissional. Pretendo continuar com este foco investigativo, juntamente com a rede de pesquisadores ReCIME. A própria consolidação da rede possibilitou maior intercâmbio com outros pesquisadores, diluindo a velha sensação de estarmos trabalhando sozinhos, isolados... Alguns projetos foram aprovados como o "Casadinho" e o PROCAD que possibilitam a realização das pesquisas e do intercâmbio acadêmico.

Assim, é necessário trabalhar cada vez mais na perspectiva das cidades médias. Por outro lado, cada vez mais tenho aprofundado a discussão a cerca da geografia histórica urbana que é meu tema de pesquisa junto ao CNPq e que também reúne alguns estudantes de iniciação científica. A pesquisa histórica é muito rica, sempre que pesquisamos nos arquivos, maior é o desejo de dar continuidade. São muitos os desafios...

Entrevistadores: Obrigado pelas considerações. A entrevista foi bastante elucidativa e servirá como ponto de interpretação da sua obra e para a maior divulgação do pensamento geográfico brasileiro, que no seu

caso está relacionado ao estudo do urbano. A revista Geografia em Atos enriqueceu, portanto, o seu ideal de comunicação e expressão com sua participação...

Doralice: Acho também que a mesma foi muito válida e espero ter contribuído na dimensão da proposição desencadeada para o avanço concernente à construção do periódico. Foi também um imenso prazer...